

**ENTRE BANCAS E  
SABORES: ALIMENTAÇÃO,  
IDENTIDADE E  
PERTENCIMENTO NO  
MERCADO MUNICIPAL DE  
CAMPOS DOS GOYTACAZES**

**BETWEEN STALLS AND FLAVORS: FOOD, IDENTITY, AND BELONGING AT  
THE MUNICIPAL MARKET OF CAMPOS DOS GOYTACAZES**

Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências da Saúde •

09/08/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/786251698](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/786251698)

---

Larissa Trindade Silva Garcia

---

## RESUMO

Este trabalho analisa o Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes como espaço privilegiado para a observação das relações entre alimentação, identidade e pertencimento, tomando a fotografia como ferramenta central de coleta e análise de dados. A partir de um método exploratório e interpretativo, foram produzidas imagens autorais que registraram práticas de venda, preparo e consumo de alimentos, bem como interações cotidianas entre feirantes e consumidores. O estudo resgata o contexto histórico do Mercado, inaugurado em 1921 e tombado pelo COPPAM em 2013, e discute, à luz de autores como Fischler, Mintz, Bourdieu, Poulain e Montanari, como a alimentação ultrapassa sua dimensão biológica para se constituir como sistema de comunicação, distinção social e construção identitária. A análise das fotografias permitiu identificar três eixos temáticos recorrentes: a diversidade e sazonalidade dos produtos, a estética artesanal das bancas e a linguagem informal dos cartazes escritos à mão. Os resultados sustentam a hipótese de que o Mercado Municipal não se limita à função de abastecimento urbano, configurando-se como um patrimônio vivo, marcado por vínculos de sociabilidade, memória e resistência à padronização dos circuitos alimentares globalizados.

**Palavras-chave:** Alimentação; Identidade; Pertencimento; Fotografia; Mercado Municipal; Cultura visual.

## ABSTRACT

This study examines the Municipal Market of Campos dos Goytacazes as a privileged setting for observing the relationships between food, identity, and belonging, using photography as the central tool for data collection and analysis. Drawing on an exploratory and interpretive method, original images were produced documenting selling, preparation, and consumption practices, as

well as everyday interactions between vendors and customers. The study revisits the Market's historical background, inaugurated in 1921 and granted heritage status by COPPAM in 2013, and discusses, based on authors such as Fischler, Mintz, Bourdieu, Poulain, and Montanari, how food transcends its biological dimension to become a system of communication, social distinction, and identity construction. Image analysis identified three recurring thematic axes: product diversity and seasonality, the artisanal aesthetics of the stalls, and the informal language of handwritten signs. The findings support the hypothesis that the Municipal Market extends beyond its role as an urban supply hub, standing instead as a living heritage site marked by sociability, memory, and resistance to the standardization of globalized food systems.

**Keywords:** Food; Identity; Belonging; Photography; Municipal Market; Visual culture.

## 1. INTRODUÇÃO

Entender o registro fotográfico como algo que vai além da mera expressão da realidade implica reconhecer seu caráter cultural, político e simbólico, marcado por intencionalidade. Na sociedade contemporânea, caracterizada pela intensa produção, pela complexidade dos vínculos interpessoais, pela ampla circulação de bens de consumo duráveis e não duráveis e pelo consumo constante de imagens, a fotografia se consolida como um dos principais meios de construção das percepções sobre o mundo. Nesse contexto, a cultura visual configura-se como um espaço no qual imagens, práticas sociais e significados se articulam de forma dinâmica, promovendo a produção de sentidos, a construção de identidades e o fortalecimento de formas de pertencimento.

Campos dos Goytacazes, cidade marcada por riqueza histórica e diversidade em sua construção urbana, apresenta recortes visuais carregados de significados. O Mercado Municipal, em particular, destaca-se como um espaço privilegiado para a observação do cotidiano, onde práticas alimentares que envolvem venda, consumo e preparo de alimentos se manifestam de maneira expressiva, revelando aspectos da realidade campista e evidenciando relações sociais e culturais. Quando captadas por meio da fotografia, essas práticas revelam aspectos da realidade campista, evidenciando relações sociais, culturais e simbólicas. Nesse sentido, a alimentação, quando mediada pela imagem, configura-se como um importante marcador de identidade cultural. Os produtos comercializados, bem como as interações entre vendedores e consumidores, expressam saberes, tradições e práticas que contribuem diretamente para a construção de um sentimento de pertencimento ao espaço do mercado. Assim, a fotografia atua como um artefato de memória social capaz de revelar como identidades e vínculos territoriais são construídos e representados, conectando práticas contemporâneas a referências culturais e históricas.

A naturalidade dos sistemas baseia-se em representações de processos culturais que o homem construiu e administra. A comida torna-se cultura a partir do momento em que é selecionada, adquirida, preparada e consumida, apresentando-se assim como um elemento de identidade humana e como mecanismo de comunicação e expressão. O paladar, moldado pelo consumo, pelas relações econômicas, pelas formas de poder público, pelo imaginário cultural e pelos rituais religiosos, carrega a produção de identidade e a mudança profunda das sociedades urbanas. O conceito de cultura permite-nos pensar a comunicação entre tradição e inovação; no campo da alimentação não é diferente:

saberes, técnicas e valores transmitidos, bem como as modificações do homem em contextos ambientais, a experimentação de novas realidades, evidenciam e definem o que chamamos de tradição.

O Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes pode ser entendido como um local que vai além de sua função econômica, estabelecendo-se como um espaço para sociabilidade, criação de símbolos e formação de identidade. Carlos Roberto Bastos Freitas demonstra que se trata de um ambiente em que as práticas de fornecimento de alimentos se conectam a aspectos sociais e culturais, sendo caracterizado por interações diárias que convertem relações comerciais em laços sociais. Nesse sentido, o mercado não se restringe à troca de bens, mas é um espaço essencial para a circulação de significados, onde práticas, conhecimentos e tradições são constantemente reproduzidos. Esse fenômeno destaca a função da alimentação como um indicador de identidade cultural, particularmente quando analisado em situações de venda, preparo e consumo. Ademais, o mercado possui um caráter simbólico, funcionando como referência urbana e expressão do orgulho local, o que demonstra sua importância como componente estruturante da memória coletiva, mesmo frente às mudanças trazidas pela modernização dos sistemas de consumo. Portanto, ao enxergar o mercado como um espaço de relevância social e cultural, é possível entender a fotografia não só como um registro visual, mas também como um instrumento analítico que pode captar a complexidade dessas interações, destacando a criação de significados, a formação de identidades e a continuidade de práticas culturais ao longo do tempo.

Esse estudo tem como objetivo analisar como o mercado municipal de Campos dos Goytacazes constitui um patrimônio cultural vivo, no

qual memória, território e práticas alimentares se articulam na construção de identidades e pertencimentos. A partir da análise fotográfica e da observação do cotidiano do mercado, busca-se compreender como esse espaço preserva saberes, modos de fazer e relações sociais que reforçam sua importância para memória coletiva.

## **2. METODOLOGIA**

O método utilizado para caracterização do material descritivo e fotográfico será de natureza exploratória e interpretativa tendo como foco a compreensão das relações entre fotografia, identidade e pertencimento no contexto do Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes. O estudo parte do entendimento do mercado como um espaço social dinâmico, no qual práticas alimentares, interações cotidianas e elementos simbólicos se articulam e produzem significados. O recorte da análise será o Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes, considerado um território privilegiado para a observação das relações sociais e culturais que se estabelecem no cotidiano urbano. A coleta de dados começará com a produção de fotos autorais, feitas diretamente no mercado. As imagens vão capturar o cotidiano desse espaço, incluindo as práticas de venda, o preparo e o consumo dos alimentos, a disposição visual dos produtos, as dinâmicas de circulação e, principalmente, as interações entre vendedores e consumidores. A ideia é observar em diferentes horários para entender como o mercado funciona em distintos ritmos e como as pessoas se apropriam desse espaço. A fotografia, não será apenas uma forma de registro, mas uma ferramenta essencial de análise. Ela tem o potencial de revelar as dimensões visuais, simbólicas e sociais do cotidiano. As imagens coletadas serão consideradas dados de pesquisa e serão analisadas

de forma que une descrição e interpretação, levando em conta os elementos visuais, os contextos em que foram produzidas e os significados que emergem das cenas capturadas.

### **3. DESENVOLVIMENTO**

#### **3.1. Estrutura Arquitetônica, Dimensionamento Urbano e Contexto Histórico**

O Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes foi inaugurado em 15 de setembro de 1921, às 16 horas, pelo prefeito Dr. César Tinoco, sendo denominado, à época, de "Mercado Novo". A solenidade reuniu representantes das mais diversas esferas da sociedade local, incluindo magistrados, membros do poder legislativo municipal, profissionais liberais e uma expressiva parcela da população (INSTITUTO HISTORIAR, 2013). A iniciativa da obra coube ao prefeito Luiz Sobral, que, em visita à França, teria se encantado com o Mercado de Nice e concebido com o propósito de dotar Campos de equipamento equivalente. Após seu retorno ao Brasil, contratou um escritório de engenharia sediado em São Paulo para a execução do projeto (NF NOTÍCIAS, 2022).

A construção, portanto, refletia não apenas uma demanda funcional, mas também um projeto político-urbano voltado à afirmação do progresso e da modernidade da cidade. A concepção arquitetônica do Mercado Municipal insere-se no contexto das políticas higienistas de influência europeia, amplamente adotadas no Brasil no início do século XX. Segundo a historiadora Rafaela Machado, a edificação foi erguida como símbolo desse movimento, em um momento em que Campos buscava transmitir uma imagem de progresso e modernidade, incorporando valores urbanos de matriz francesa



(J3NEWS, 2022). A arquiteta e professora Maria Catharina Reis Queiroz, do Instituto Federal Fluminense (IFF), reforça essa perspectiva ao afirmar que os mercados públicos históricos transcendem sua função comercial, constituindo-se em espaços de memória e sociabilidade urbana (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2021).

No que diz respeito aos elementos construtivos, a descrição publicada pelo Jornal Monitor Campista, em 14 de setembro de 1921, véspera da inauguração, é detalhada e precisa: Toda a estrutura do Mercado é metálica, assentando-se sobre colunas de cimento armado e a cobertura é de telhas francesas, sendo todo o edifício largamente iluminado por claraboias, dispostas em posição oportuna. Divide-se a Praça do Mercado em dois amplos compartimentos, separados por um pavilhão central onde há o grande depósito de água para o serviço interno, no qual existe um relógio com dois mostradores. (JORNAL MONITOR CAMPISTA, 14 set. 1921, apud INSTITUTO HISTORIAR, 2013). O documento original prossegue descrevendo a organização interna das seções comerciais, evidenciando a preocupação higienista que orientou o projeto: Os açougues têm o seu interior voltado para a parte central do edifício, fazendo a venda das carnes para o lado exterior, onde existe um balcão de mármore para poder haver toda a higiene no fornecimento dessa mercadoria. No salão central, do lado da Rua Formosa, está instalada a seção destinada à venda do peixe, que será exposto em dispositivos capazes de observar todas as prescrições da higiene. A seção dos quitandeiros, propriamente ditos, onde se faz o mercado de legumes e hortaliças, fica situada internamente, em compartimentos divididos por tapagens artísticas. Todo o estabelecimento é cimentado, e findo o movimento do Mercado, será feita a lavagem geral, para o que



dispõe o edifício de mangueiras colocadas em pontos convenientes. (JORNAL MONITOR CAMPISTA, 14 set. 1921, apud INSTITUTO HISTORIAR, 2013).

Atualmente, o prédio mantém sua configuração original de boxes internos e externos, galeria central e uma torre, elemento de destaque visual da edificação, sendo descrito como um belo exemplar de dois pavimentos térreos (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2022; SIQUEIRA, 2023). A fachada e os detalhes construtivos, como o relógio de dois mostradores e os braços de sustentação em ferro fundido, são considerados elementos de valor patrimonial a serem preservados nas intervenções de restauro (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES, [s.d.]).

O Mercado Municipal está localizado na Avenida José Alves de Azevedo, área central de Campos dos Goytacazes, integrando um complexo que abrange o Shopping Popular Michel Haddad e a Feira Livre (J3NEWS, 2022). A inserção do equipamento nesse setor da cidade não foi fortuita: conforme aponta Siqueira (2021), a proximidade com o canal Campos-Macaé e com o rio Paraíba do Sul era condição necessária para a logística de abastecimento, facilitando tanto a chegada quanto o escoamento de mercadorias. As condições do entorno urbano sofreram transformações significativas ao longo do século XX. Em 1992, a instalação do Camelódromo nas imediações comprometeu a visibilidade da edificação histórica, que passou a se encontrar, nas palavras de Siqueira (2021) "espremida entre as construções" impedida de mostrar seu esplendor à população campista. Registre-se ainda que o Mercado Municipal foi tombado, em 2013, pelo Conselho de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Campos

(COPPAM), encontrando-se também em processo de mapeamento para tombamento estadual pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) (SIQUEIRA, 2021).

Em termos de dimensionamento, o Mercado Municipal conta com 469 boxes no total (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2022a). A área da Feira Livre, por sua vez, dispõe de 340 tabuleiros para produtos variados, 49 boxes comerciais fixos e 40 tabuleiros de pescado (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2022b). Tais números evidenciam a escala do equipamento e sua capacidade de absorção de um expressivo contingente de permissionários e trabalhadores informais. A diversidade de atividades desenvolvidas no Mercado Municipal reflete seu papel como equipamento de abastecimento popular de amplo espectro. Nos 469 boxes do espaço, é possível encontrar frutas, hortaliças, temperos, açougues, peixaria, cerealistas, bares, lanchonetes, docerias e uma variedade de outros estabelecimentos comerciais, atendendo às necessidades de todas as classes sociais (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2022).

O caráter multigeracional de alguns empreendimentos denota a consolidação de vínculos de identidade entre os permissionários e o espaço. A Pastelaria da Dora, por exemplo, está na terceira geração da mesma família, constituindo-se em referência afetiva e gastronômica para moradores e visitantes (J3NEWS, 2022). Tal fenômeno é ilustrativo do que a presidente da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima (FCJOL), Auxiliadora Freitas, denomina de território histórico cultural significativo no qual se estabeleceram laços sociais, comerciais, familiares e de pertencimento. Além das atividades comerciais cotidianas, o Mercado Municipal exerce função cultural e educativa de relevância. O espaço já sediou

palestras acadêmicas sobre patrimônio histórico, visitas guiadas organizadas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Campos dos Goytacazes (IHGCG), e integra a programação de eventos culturais como o Festival Doces Palavras (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2021). A síntese do valor do Mercado Municipal é bem expressa pela historiadora Rafaela Machado, ao afirmar que o mercado existe não só pela arquitetura, mas também pelo comércio e pelas pessoas que dão vida ao local.

Com mais de um século de existência, o Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes permanece como um dos mais expressivos patrimônios históricos e culturais do Norte Fluminense. Sua arquitetura de inspiração francesa, concebida sob os princípios higienistas do início do século XX, e sua função como centro de abastecimento, sociabilidade e memória coletiva conferem-lhe singularidade no conjunto do patrimônio edificado campista.

### **3.2. Alimentação Como Marcador de Identidade Cultural**

A alimentação ultrapassa sua dimensão biológica e nutricional, constituindo-se como um fenômeno social, cultural e simbólico. Conforme aponta Claude Fischler (1995), o ato de comer envolve sistemas de significação que expressam pertencimento, identidade e distinção social. Nesse sentido, os espaços de comercialização de alimentos, como feiras e mercados populares, tornam-se cenários privilegiados para observar como práticas alimentares se articulam à construção de identidades culturais.

As imagens analisadas e geradas abaixo evidenciam um ambiente marcado pela diversidade de produtos in natura frutas, hortaliças, grãos e alimentos minimamente processados que remetem à

sazonalidade e à produção local. Essa diversidade não apenas reflete a disponibilidade agrícola da região, mas também revela um repertório alimentar culturalmente construído. Como argumenta Mintz (2001), os alimentos carregam histórias sociais e trajetórias culturais, sendo elementos fundamentais na formação de identidades coletivas.



*Fonte: GARCIA, LARISSA (2026). Fotografias e Colagem autoral.*

A organização das bancas, com disposição manual dos produtos e uso de sacarias abertas, reforça uma estética associada ao fresco, ao natural e ao artesanal. Essa forma de exposição dialoga com o que Poulain (2004) denomina “sistema alimentar”, no qual práticas, representações e estruturas sociais se articulam. Diferentemente



dos circuitos industriais e padronizados, a feira mantém características de proximidade e informalidade, evidenciando modos de vida e consumo específicos.

Outro elemento relevante é a comunicação presente nos cartazes escritos à mão, com expressões como “3 por 10” ou “4 por 5”. Essa linguagem evidencia uma economia popular baseada na negociação direta e na flexibilidade dos preços, além de reforçar a dimensão relacional do consumo. De acordo com Bourdieu (1983), as práticas de consumo são também práticas de distinção, atravessadas por capital cultural e social. No caso das feiras, observa-se uma valorização de saberes práticos e cotidianos, que se distanciam da lógica formalizada dos supermercados.

A interação entre vendedores e consumidores, ainda que não explicitamente retratada, é sugerida pela organização do espaço e pela lógica de comercialização. Esse tipo de relação contribui para a construção de vínculos sociais e de um sentimento de pertencimento, no qual a alimentação atua como mediadora. Assim, comer e comprar alimentos nesses espaços não é apenas um ato funcional, mas uma prática social carregada de significados. Além disso, a presença de alimentos vendidos a granel e em pequenas quantidades indica uma adaptação às necessidades locais e às condições socioeconômicas dos consumidores. Tal prática pode ser compreendida como uma forma de resistência à padronização alimentar e à lógica de consumo em larga escala. Nesse contexto, as feiras funcionam como espaços de preservação de tradições alimentares e de valorização da cultura local.

Portanto, a alimentação, conforme observada nas imagens, configura-se como um importante marcador de identidade cultural.

Ela expressa não apenas o que se come, mas como, onde e com quem se come. Ao analisar esses espaços, torna-se possível compreender como práticas alimentares, formas de comercialização e relações sociais se articulam na produção e reprodução de identidades, evidenciando a centralidade da alimentação na vida social.



Fonte: GARCIA, LARISSA (2026). Fotografias e Colagem autoral.

### **3.3. O Mercado Municipal Como Espaço de Sociabilidade, Identidade e Cultura**

O Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes não se esgota em sua função distributiva. Ao longo de mais de um século de

existência, consolidou-se como um território vivido, no sentido que Certeau (1994) atribui ao cotidiano: um espaço praticado, transformado pela ação contínua de sujeitos que o atravessam, o ocupam e o reinventam. Nessa perspectiva, compreender o mercado apenas como equipamento urbano de abastecimento seria reduzir a complexidade das relações sociais que nele se tecem diariamente.

A sociabilidade, categoria central para a análise desse tipo de espaço, manifesta-se nas interações que transcendem a lógica estritamente mercantil. Conforme aponta Montanari (2024), a comida é, antes de tudo, um produto cultural, resultado de trocas, encontros e transformações que envolvem grupos humanos ao longo do tempo. No mercado, essa dimensão se materializa nas conversas entre feirantes e compradores habituais, na transmissão de receitas e saberes culinários, nos rituais de escolha e negociação que constituem, em si mesmos, práticas socialmente significativas. A relação entre vendedor e consumidor raramente se limita à transação econômica: ela carrega memórias, afetos e reconhecimentos mútuos que constroem um tecido de pertencimento difícil de ser substituído pelos circuitos impessoais do consumo contemporâneo.

Nesse sentido, o mercado funciona como o que Lifschitz (1997) denomina de espaço de mediação entre natureza e cultura, onde os alimentos deixam de ser meros objetos biológicos e passam a integrar sistemas de significação coletiva. A presença de determinados produtos como o maracujá, o quiabo, a farinha d'água, os temperos regionais não apenas atende a demandas nutricionais, mas evoca paisagens, tradições e pertencimentos territoriais específicos. Consumir esses alimentos em um mercado



popular é, também, um ato de afirmação identitária, uma forma de manutenção de vínculos com práticas culturais herdadas.

A questão da identidade, aqui, não pode ser tratada como algo fixo ou essencializado. Como argumenta Canfield e Maciel (2013), os sistemas alimentares são dinâmicos, sujeitos a negociações constantes entre tradição e inovação, entre o local e o global. O Mercado Municipal de Campos expressa exatamente essa tensão: ao lado de produtos da agricultura familiar regional, convivem mercadorias industrializadas, influências de outras culinárias e adaptações a novos padrões de consumo. Essa coexistência, longe de representar contradição, evidencia a vitalidade do espaço como lugar de síntese cultural, onde diferentes temporalidades e referências se articulam de maneira criativa.



*Fonte: GARCIA, LARISSA (2026). Fotografias e Colagem autoral.*

A função simbólica do mercado como referência urbana reforça esse argumento. Ao ser tombado como patrimônio histórico e cultural pelo COPPAM em 2013, o Mercado Municipal recebeu um reconhecimento institucional que, de certa forma, legitimou o que a memória coletiva da cidade já sabia: trata-se de um lugar que condensa a história, os saberes e as práticas de gerações de campistas. A Pastelaria Dona Odete, na terceira geração da mesma família, é um exemplo concreto dessa continuidade: o empreendimento não vende apenas pastéis, mas preserva e transmite um modo de fazer, um sabor reconhecível, uma referência afetiva que atravessa décadas. Lupton (1994) demonstra que eventos alimentares carregam dimensões simbólicas e memorativas

profundas, sendo constitutivos das narrativas de si e dos grupos. É precisamente isso que se observa nos vínculos entre os permissionários e o espaço do mercado.

A partir da perspectiva de Bourdieu (1983), é possível compreender também as distinções que operam nesse espaço. A escolha por comprar no mercado municipal, em vez de frequentar supermercados ou redes de varejo, não é neutra: envolve disposições incorporadas, valores sobre frescor, procedência, preço e relação pessoal que compõem um habitus específico. Ao mesmo tempo, o mercado é um espaço atravessado por desigualdades e hierarquias internas, visíveis na diferenciação entre boxes cobertos e tabuleiros externos, entre permissionários estabelecidos e trabalhadores informais, entre consumidores que ali fazem a compra semanal e turistas que visitam o espaço pela primeira vez. Reconhecer essas tensões é fundamental para não romantizar o mercado como espaço de harmonia social, mas compreendê-lo em sua complexidade real.

A função cultural do mercado, por fim, extrapola o cotidiano comercial. Sua inserção na programação de eventos como o Festival Doces Palavras, as visitas guiadas promovidas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Campos e as palestras acadêmicas ali realizadas indicam que o espaço é reconhecido, pelos próprios agentes sociais que o frequentam e estudam, como um lugar de produção e circulação de cultura. Nessa acepção, o mercado não é apenas palco da vida social: ele é, ele mesmo, um agente na construção da identidade coletiva de Campos dos Goytacazes.





*Fonte: GARCIA, LARISSA (2026). Fotografias e Colagem autoral.*

### **3.4. O Cotidiano do Mercado Sob o Olhar Fotográfico**

A fotografia, quando direcionada ao cotidiano, não se limita ao registro passivo do que existe. Ela implica escolhas, enquadramentos e intencionalidades que produzem sentidos sobre o real. Silva (2020) argumenta que a imagem fotográfica é constitutiva da cultura visual contemporânea, operando tanto como documento quanto como interpretação, tanto como memória quanto como produção de novas percepções. Ao voltar a câmera para o Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes, o exercício fotográfico aqui proposto não pretende oferecer uma visão total ou objetiva do espaço, mas capturar fragmentos do cotidiano que revelam, nas cenas

aparentemente banais, a densidade social e cultural que os atravessa.

O cotidiano, na perspectiva de Certeau (1994), é o domínio das práticas ordinárias, das táticas que os sujeitos comuns empregam para habitar e transformar os espaços que lhes são dados. No mercado, esse cotidiano se manifesta na abertura das bancas ao amanhecer, na disposição cuidadosa dos produtos, nas conversas entre feirantes que aguardam os primeiros clientes, no ritmo diferente que o espaço adquire ao longo do dia. Fotografar esses momentos é um exercício de atenção às dimensões muitas vezes invisibilizadas da vida urbana, aquelas que escapam às narrativas oficiais e aos registros institucionais.

As imagens produzidas no âmbito deste trabalho evidenciam, em primeiro lugar, a materialidade dos produtos: a cor das frutas, a textura dos grãos ensacados e a disposição artesanal dos temperos. Essa materialidade não é mero dado visual. Fotografar esses elementos é registrar uma gramática comercial específica, distinta da linguagem padronizada das etiquetas de supermercado. Essa diferença é, em si mesma, um dado cultural relevante: ela indica a presença de uma economia de relação, na qual o preço não é apenas informação, mas convite ao contato direto entre vendedor e comprador. Neuman (2018) observa que as práticas alimentares são indissociáveis dos contextos físicos e sociais em que ocorrem, e que os ambientes de compra e consumo moldam percepções sobre o que é natural, fresco, autêntico ou industrializado. Nesse sentido, a estética do mercado não é acidental: ela comunica valores e posicionamentos culturais que os frequentadores reconhecem e, em grande medida, buscam. Por fim, o olhar fotográfico sobre o mercado é também um olhar sobre a cidade. O mercado não existe



em isolamento: ele está inserido em um contexto urbano específico, marcado pela proximidade do rio Paraíba do Sul, pela presença do Camelódromo, pelo fluxo de pedestres que circulam entre a feira livre e o shopping popular. Registrar essa inserção urbana é reconhecer que as práticas que ocorrem dentro do mercado são indissociáveis das dinâmicas mais amplas da cidade, e que compreender o mercado é, também, uma forma de compreender Campos dos Goytacazes em sua complexidade histórica e social.

#### **4. DISCUSSÃO E PRÁTICA ETNOGRÁFICA**

A aproximação com o Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes, mediada pela fotografia e orientada por um arcabouço teórico de matriz sociológica e antropológica, permitiu desenvolver uma leitura do espaço que articula dimensões históricas, culturais e cotidianas. A prática etnográfica aqui adotada, ainda que de natureza exploratória e sem as condições de uma etnografia de longa duração, seguiu o princípio fundamental da atenção ao detalhe e da disposição para compreender os sentidos que os próprios sujeitos atribuem às suas práticas.

A observação direta do mercado em diferentes horários revelou contrastes significativos. Nas primeiras horas da manhã, o espaço é dominado pela lógica do abastecimento: chegada de mercadorias, organização das bancas, primeiros clientes que fazem compras maiores para a semana. À medida que o dia avança, o perfil dos frequentadores se diversifica: trabalhadores que passam na hora do almoço, consumidores que buscam produtos específicos, visitantes que circulam pelo espaço com curiosidade. Essa variação temporal é, ela mesma, um dado etnográfico relevante: indica que o mercado não tem um público único, mas atende a necessidades e

temporalidades distintas, o que reforça seu caráter plural e sua importância como equipamento urbano de amplo espectro.

As interações observadas entre vendedores e consumidores confirmaram o que a literatura indica sobre a dimensão relacional das feiras e mercados populares. A negociação de preços, o comentário sobre a qualidade de um produto, a indicação de como preparar determinado ingrediente, esses pequenos gestos cotidianos constituem formas de transmissão de saberes e de construção de vínculos que dificilmente se reproduzem em outros contextos de compra. Lifschitz (1997) observa que é precisamente nessa articulação entre natureza e cultura, entre o alimento como objeto e o alimento como símbolo, que se constroem as identidades alimentares. O mercado é um dos poucos espaços urbanos onde essa articulação permanece viva e acessível. A prática fotográfica como ferramenta etnográfica mostrou-se especialmente produtiva para capturar dimensões do cotidiano que resistem à verbalização. A forma como um feirante organiza sua banca, a expressão de satisfação de uma compradora ao escolher uma peça de fruta, a disposição de sacos de grãos coloridos lado a lado, esses elementos visuais comunicam significados que nenhum questionário ou entrevista formal conseguiria captar com a mesma imediaticidade. Silva (2020) argumenta que a fotografia opera como um artefato de memória social capaz de revelar como identidades e vínculos territoriais são construídos e representados. Foi precisamente esse potencial que se buscou explorar neste trabalho.

A análise das imagens produzidas permitiu identificar três eixos temáticos recorrentes: a diversidade e sazonalidade dos produtos, como expressão de um repertório alimentar culturalmente construído; a estética artesanal e informal das bancas, como

contraponto à padronização dos circuitos industriais de consumo; e a linguagem dos cartazes escritos à mão, como indício de uma economia popular baseada na relação direta e na flexibilidade. Esses eixos dialogam diretamente com as categorias teóricas mobilizadas ao longo do trabalho identidade, pertencimento, distinção, sistema alimentar e permitem sustentar a hipótese central de que o Mercado Municipal é um espaço privilegiado para a observação e compreensão das relações entre alimentação, cultura e identidade em Campos dos Goytacazes.

## **5. CONCLUSÃO**

Este trabalho propôs uma leitura do Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes a partir do cruzamento entre fotografia, identidade e pertencimento, tomando as práticas alimentares como fio condutor da análise. Ao longo do desenvolvimento, buscou-se demonstrar que o mercado não é apenas um equipamento de abastecimento urbano, mas um espaço carregado de significados sociais, culturais e simbólicos que o tornam um patrimônio vivo da cidade.

A alimentação, como argumentam Fischler (1995), Mintz (2001) e Montanari (2024), é um fenômeno que ultrapassa a dimensão biológica e se constitui como um sistema de comunicação, distinção e pertencimento. No contexto do Mercado Municipal, essa dimensão se manifesta de maneira especialmente rica: nos produtos que carregam referências à produção regional, nas práticas de venda que preservam a lógica da negociação direta, nas relações entre feirantes e consumidores que se constroem ao longo do tempo e que criam vínculos de reconhecimento e confiança. Comer e comprar alimentos nesse espaço é, portanto, um ato social e cultural, não apenas uma necessidade fisiológica satisfeita.

A fotografia mostrou-se uma ferramenta analítica de grande potencial para a apreensão dessas dimensões. Ao registrar o cotidiano do mercado, suas cores, texturas, linguagens e ritmos as imagens produzidas não apenas documentaram o espaço, mas produziram conhecimento sobre ele, revelando aspectos que a descrição verbal dificilmente alcançaria. Silva (2020) e Lupton (1994) convergem ao apontar que a imagem é constitutiva, e não apenas reflexo, dos processos sociais que representa. Nesse sentido, a fotografia autoral realizada no mercado não foi um apêndice ilustrativo deste trabalho, mas parte integrante de seu método e de sua argumentação.

O caráter multigeracional de alguns de seus empreendimentos como a Pastelaria da Dona Odete, já na terceira geração familiar ilustra de maneira concreta como o mercado funciona como espaço de continuidade cultural, onde tradições alimentares e modos de fazer são transmitidos não apenas por receitas ou técnicas, mas pelo próprio ato de habitar e praticar o espaço ao longo do tempo. Canfield e Maciel (2013) lembram que os sistemas alimentares são bons para pensar justamente porque condensam, de forma tangível, as relações entre sujeitos, grupos e seus contextos históricos e culturais.

Compreender o Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes, portanto, é compreender algo da própria cidade: sua história, suas tensões, seus modos de vida e suas formas de resistência à homogeneização imposta pelos modelos globalizados de consumo. O mercado persiste como espaço de diversidade, de encontro e de memória, e é precisamente essa persistência que o torna objeto legítimo e necessário de atenção acadêmica. Que este trabalho possa contribuir, ainda que modestamente, para o reconhecimento



e a valorização de um patrimônio que é, ao mesmo tempo, histórico, arquitetônico, cultural e humano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANFIELD, H.; MACIEL, M. E. A COMIDA BOA PARA PENSAR: PRÁTICAS, GOSTOS E SISTEMAS ALIMENTARES A PARTIR DE UM OLHAR SÓCIO-ANTROPOLÓGICO. DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde, v. 8, n. 0, 11 set. 2013.

INSTITUTO HISTORIAR. Mercado Municipal de Campos. Campos dos Goytacazes, 16 set. 2013. Disponível em: <http://institutohistoriar.blogspot.com/2013/09/mercado-municipal-de-campos.html>.

J3NEWS. Mercado Municipal de Campos completa 101 anos nesta quinta-feira. Campos dos Goytacazes, 14 set. 2022. Disponível em: <https://j3news.com/2022/09/14/mercado-municipal-de-campos-completa-101-anos-nesta-quinta-feira/>.

J3NEWS. Mercado Municipal: 101 anos de muita história. Campos dos Goytacazes, 15 set. 2022. Disponível em: <https://j3news.com/2022/09/15/mercado-municipal-101-anos-de-muita-historia/>.

JORNAL MONITOR CAMPISTA. Descrição da estrutura arquitetônica do novo Mercado Municipal. Campos dos Goytacazes, 14 set. 1921. *Apud* INSTITUTO HISTORIAR. Mercado Municipal de Campos. Campos dos Goytacazes, 16 set. 2013. Disponível em: <http://institutohistoriar.blogspot.com/2013/09/mercado-municipal-de-campos.html>.

JORNAL MONITOR CAMPISTA. Notícia de inauguração do Mercado Municipal. Campos dos Goytacazes, 16 set. 1921. *Apud* INSTITUTO HISTORIAR. Mercado Municipal de Campos. Campos dos Goytacazes, 16 set. 2013. Disponível em: <http://institutohistoriar.blogspot.com/2013/09/mercado-municipal-de-campos.html>.

LIFSCHITZ, J. Alimentação e cultura: em tomo ao natural. *Physis*, v. 7, n. 2, p. 69–83, 1 dez. 1997.

LUPTON, D. Food, Memory and Meaning: The Symbolic and Social Nature of Food Events. *The Sociological Review*, v. 42, n. 4, p. 664–685, nov. 1994.

MINTZ, S. W. Comida e antropologia: uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n. 47, out. 2001.

MONTANARI, M. Comida como cultura. [s.l.] Editora Senac São Paulo, 2024.

NEUMAN, N. On the engagement with social theory in food studies: cultural symbols and social practices. *Food, Culture & Society*, v. 22, n. 1, p. 78–94, 20 dez. 2018.

NF NOTÍCIAS. Mercado Municipal de Campos completa 101 anos. Campos dos Goytacazes, 15 set. 2022. Disponível em: <https://www.nfnoticias.com.br/noticia-35123/mercado-municipal-de-campos-completa-101-anos>.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES. Em comemoração aos 100 anos do Mercado Municipal, IHGCG realiza visita guiada ao prédio histórico. Campos dos Goytacazes, 15 set.

2021. Disponível em: [https://campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=64268](https://campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=64268).

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES. Mercado Municipal comemora 101 anos de atividades. Campos dos Goytacazes, 15 set. 2022. Disponível em: [https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=75436](https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=75436).

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES. Mercado Municipal se prepara para ampla reforma. Campos dos Goytacazes, [s.d.]. Disponível em: [https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=27624](https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=27624).

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES. Patrimônio Histórico de Campos, o Mercado Municipal comemora 101 anos. Campos dos Goytacazes, 15 set. 2022. Disponível em: [https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=75421](https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=75421).

ROBERTO, C.; FREITAS, B. O Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes: 86 anos de laços identitários e sociabilidade. [s.l.: s.n.]. Disponível em: [https://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/2\\_cincci/4001%20Freitas.pdf](https://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/2_cincci/4001%20Freitas.pdf). Acesso em: 24 abr. 2026.

SILVA, Sérgio Luiz Pereira da. Gozo estético na cultura visual: fotografia, memória e alienação social. Curitiba: Editora Appris, 2020.

SIQUEIRA, Edmundo. Novo Mercado Municipal? Prefeitura e academia apresentam propostas diferentes. Folha1, Campos dos Goytacazes, 21 out. 2023. Disponível em: <https://www.folha1.com.br/blogs/edmundo-siqueira/2023/10/1294303->

[novo-mercado-municipal-prefeitura-e-academia-apresentam-propostas-diferentes.html](#).

SIQUEIRA, Edmundo. O Mercado Municipal de Campos: seus personagens, histórias, polêmicas e potencialidades em 100 anos de existência. Folha1, Campos dos Goytacazes, set. 2021. Disponível em: [https://www.folha1.com.br/\\_conteudo/2021/09/blogs/edmundo\\_siqueira/1275761-o-mercado-municipal-de-campos--seus-personagens-historias-polemicas-e-potencialidades-em-100-anos-de-existencia.html](https://www.folha1.com.br/_conteudo/2021/09/blogs/edmundo_siqueira/1275761-o-mercado-municipal-de-campos--seus-personagens-historias-polemicas-e-potencialidades-em-100-anos-de-existencia.html). Acesso em: 28 abr. 2026.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Nutrição; Especialista em Docência de Ensino Superior em Nutrição; Mestranda em Sociologia Política (UENF). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)